

WORLD BANK GROUP

INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT
INTERNATIONAL FINANCE CORPORATION
INTERNATIONAL DEVELOPMENT ASSOCIATION
INTERNATIONAL CENTRE FOR SETTLEMENT OF INVESTMENT DISPUTES
MULTILATERAL INVESTMENT GUARANTEE AGENCY

INTERNATIONAL MONETARY FUND

J

Press Release No. 2-P

24-25 de setembro de 2005

Versão final comparada com o discurso apresentado

Discurso de **PAUL WOLFOWITZ**,
Presidente do Grupo do Banco Mundial,
à Assembléia de Governadores do Grupo do Banco Mundial
na Discussão Anual Conjunta

Traçando o caminho à frente: A Agenda de Resultados

Versão final comparada com o discurso apresentado

Discurso nas Reuniões Anuais de 2005

de

Paul D. Wolfowitz

Presidente

Grupo do Banco Mundial

Washington, D.C., 24 de setembro de 2005

I. Apelo à ação

Senhor Presidente, Governadores e distintos convidados:

É para mim uma grande satisfação dar-lhes as boas-vindas a Washington para as Reuniões Anuais do Grupo do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. É uma honra dirigir a palavra aos senhores, pela primeira vez, como Presidente do Grupo do Banco Mundial.

E é também com enorme sentido de responsabilidade que assumo esta função de liderança em uma instituição que está no âmago dos esforços globais para dar às pessoas mais pobres do mundo a oportunidade de um futuro melhor.

* * *

E desejo expressar a minha gratidão ao meu colega Rodrigo de Rato, do Fundo Monetário Internacional, e à minha Diretoria Executiva que nos últimos meses me tem prestado apoio direto e inestimável.

De modo especial quero agradecer a Jim Wolfensohn que não pôde estar aqui hoje. Nós todos lhe desejamos muitas felicidades e pronta recuperação. A sua liderança nos últimos 10 anos muito contribuiu para reforçar a moral e a imagem desta instituição e para concentrar-nos em nossa missão central de reduzir a pobreza. Jim também levou questões cruciais – tais como corrupção e o papel da sociedade civil – para o topo da agenda do desenvolvimento. O Grupo do Banco Mundial está mais sólido hoje graças à sua liderança.

* * *

Estamos aqui reunidos hoje em um momento extraordinário da história. Nunca houve uma necessidade mais premente de resultados em nossa luta contra a pobreza. E nunca houve um apelo mais intenso de ação por parte da comunidade global.

Na noite anterior à Reunião do G-8 em Gleneagles, eu me uni a 50.000 jovens reunidos em um campo de futebol em Edinburgh para assistir ao último dos oito concertos ao vivo. O tempo estava sombrio, mas a chuva não arrefeceu o entusiasmo da multidão.

Todos os olhos estavam fixos no homem que apareceu na tela gigantesca: o pai da liberdade da África do Sul. E a multidão explodiu em aplausos entusiasmados de aprovação quando Nelson Mandela nos convocou a uma nova luta – a vocação do nosso tempo – para “relegar a pobreza à história.”

* * *

Qualquer pessoa que enfrente os fatos há de concordar com a necessidade urgente de ação.

Todos os dias, milhares de pessoas que vivem em extrema pobreza, muitas delas crianças, morrem de doenças evitáveis.

É especialmente alarmante a escalada da morte e privação na África. Desde 1981, o número de africanos que vivem com menos de US\$ 1 por dia quase duplicou, passando de 164 milhões para 314 milhões.

Porém muito se pode fazer para ajudar as pessoas a escapar da pobreza, para salvar vidas e criar esperança.

* * *

O apelo para pôr fim à pobreza estende-se a gerações, continentes e nacionalidades. Abrange religiões, gênero e política.

De concertos em estádios a manifestações de rua e reuniões de cúpula de grande destaque – cidadãos e líderes, países ricos e pobres – todos foram atingidos pelo sofrimento. E todos exigem ação.

Em Gleneagle, em julho último, chegou-se a um acordo memorável. O G-8 prometeu dobrar a assistência à África e anular a dívida dos países mais pobres.

Chegamos a um momento decisivo e há motivos para esperança. As últimas décadas têm presenciado melhorias drásticas nas condições de vida dos mais pobres do mundo.

Nos últimos 20 anos, o número de pessoas que vivem com menos de US\$ 1 por dia diminuiu em cerca de 400 milhões – o maior declínio em séculos.

Os habitantes dos países em desenvolvimento têm uma vida mais longa – em média quase 15 anos mais longa – do que há 40 anos.

Há 30 anos, 50% da população dos países em desenvolvimento eram analfabetos. Hoje, esta proporção foi cortada pela metade.

Alcançou-se muito progresso – e mais ainda é possível. As realizações a que temos presenciado em grandes regiões da Ásia e da América Latina podem transformar outras partes do mundo.

Há algumas semanas conversei com uma mulher do Paquistão, da aldeia de Dhok Tabarak, que estava participando de um projeto de desenvolvimento rural patrocinado pelo Fundo Paquistânês de Alívio da Pobreza com a assistência do Banco Mundial.

Perguntei-lhe se o sucesso do seu projeto poderia ser reproduzido em outras regiões do Paquistão. Com convicção entusiasta ela me respondeu: “Por que não?” Os japoneses já o fizeram. Os chineses já o fizeram. Por que o Paquistão não pode fazê-lo?”

Que diferença fazem 40 anos. Lembro-me de análises pessimistas em meados da década de 1960 de que a Coreia do Sul estava fadada ao fracasso porque carecia dos elementos considerados necessários para um desenvolvimento bem-sucedido. No entanto, no espaço de algumas décadas, a Coreia e o Leste asiático experimentaram o maior aumento de riqueza para o maior número de pessoas no tempo mais breve da história da humanidade.

Se conseguirmos liberar as energias do povo africano e desencadear o potencial do setor privado para criar empregos, a África não somente se tornará um continente de esperanças, mas um continente de realizações.

Quando os desafios enfrentados pela África parecerem avassaladores e as estatísticas assombrosas, não nos esqueçamos: para cada africano pessimista de hoje, havia um oriental fatalista há apenas 40 anos.

II. Evolução do pensamento desenvolvimentista

Também percorremos nos últimos 40 anos um longo caminho em nossa compreensão do modo como funciona o desenvolvimento. Sabemos que pode ser complexo e – de certa forma – misterioso.

Há 40 anos, os acadêmicos procuravam explicar o crescimento econômico principalmente em termos de contribuições da mão-de-obra e do capital. Quando uma terceira variável – a tecnologia – foi introduzida, foi considerada uma inovação notável.

Hoje, temos um entendimento melhor e mais amplo daquilo que impulsiona o desenvolvimento.

Sabemos que o crescimento econômico sustentado é essencial para o desenvolvimento e a redução da pobreza. E também estamos cientes de que muito impulsores do desenvolvimento não são mensuráveis em termos numéricos. Como são mais difíceis de medir, mais difíceis de prever e freqüentemente mais difíceis de influenciar, existe a tendência de descartar esses fatores como “fracos”.

Isso seria um erro – porque o desenvolvimento sustentável depende tanto da liderança e responsabilidade, sociedade civil e mulheres, setor privado e regime de direito quanto da mão-de-obra e do capital.

Permitam-me falar brevemente sobre cada um destes quatro fatores.

Liderança e responsabilidade

Talvez a determinante mais importante para a redução da pobreza seja a liderança.

No entanto, como o desenvolvimento é um esporte em equipe, a liderança de que estamos falando não é uma questão de desempenho individual; deve fundamentar-se em uma base de confiança, respeito e trabalho em equipe. Como Nelson Mandela me disse, a verdadeira liderança exige compreensão de que não se está agindo como indivíduo, que se está representando o coletivo.

Ou, como ele expressou em termos claros há muitos anos, “não há limite no que se pode conseguir, contanto que não haja preocupação em saber quem recebe o crédito.”

Os líderes eficazes também reconhecem que são responsáveis perante o seu povo. Os líderes eficazes sabem ouvir. As instituições de responsabilização, tais como a sociedade civil e a imprensa livre, podem ajudar os líderes a ouvir, a mantê-los responsáveis pela produção de resultados e são a chave para o controle da corrupção.

A corrupção drena recursos e desestimula investimentos. Beneficia os privilegiados e desprovê os pobres. Ameaça a esperança deles em busca de melhor qualidade de vida e futuro mais promissor.

Uma governança responsável e sólida, por outro lado, alimenta o solo em que pode florescer uma sociedade civil robusta e um setor privado vibrante.

A sociedade civil e a mulher

Um segundo fator-chave é a sociedade civil e, de modo especial, o seu papel no tocante à mulher.

As organizações da sociedade civil (OSCs) contribuem para a responsabilização proporcionando uma ponte importante entre os cidadãos e os seus governos. Porém, são muito mais do que isso. São motores de crescimento e instrumentos de oportunidade. Em

todos os países que visitei, as OSCs ofereciam uma riqueza de experiências em aprendizagem, adaptação, intercâmbio de conhecimentos e contribuição para o crescimento nas respectivas comunidades.

E as organizações da sociedade civil são particularmente importantes para empoderar a mulher, um fator-chave para o êxito do crescimento. Como uma mulher pobre me disse no Paquistão, “o desenvolvimento é como uma carroça de duas rodas – um homem e uma mulher. Se uma das rodas não se mover, a carroça não irá muito longe.”

Milhões de mulheres beneficiaram-se de OSCs vigorosas, tais como a Comissão de Progresso Rural de Bangladesh e o Grameen Bank, que oferecem pequenos empréstimos para ajudá-las a criar empresas. Os lucros dessas empresas estão sendo usados para enviar crianças, especialmente meninas, à escola.

Um terceiro fator importante é o setor privado. Um setor privado vibrante é o motor mais importante de crescimento e criação de emprego.

Um dos maiores obstáculos ao crescimento das pequenas e médias empresas é a falta de crédito. O Grupo do Banco Mundial oferece assessoramento em políticas sólidas para apoiar o microcrédito, mas precisamos procurar meios inovadores para ampliar o acesso aos serviços financeiros, incluindo as necessidades e enfoques tanto locais como regionais.

A Agência Multilateral de Garantia de Investimentos (MIGA) e a Corporação Financeira Internacional (IFC) oferecem recursos vitais e assessoramento em abordagem de riscos, crédito e necessidades de capital. Uma das contribuições mais importantes da IFC e do Banco Mundial à promoção de um clima favorável ao investimento é o relatório *Doing Business* (Fazendo Negócios) que avalia as condições de 155 países.

Esse relatório assinala que em muitos países africanos o custo para cadastrar uma empresa é tão proibitivo que a maioria dos empresários é obrigada a operar fora da economia formal.

Esse relatório é uma ferramenta crítica para os países em desenvolvimento determinarem onde as reformas são mais necessárias.

Regime de direito

E finalmente, não podemos progredir no combate à pobreza sem apoiar a igualdade perante a lei e o empoderamento jurídico das pessoas de baixa renda. São elementos essenciais na liberação da energia social e econômica das comunidades pobres.

Saber que as leis são obedecidas, que os direitos são protegidos e que os contratos vigoram incentiva as pessoas a investir em seu futuro.

E um âmbito jurídico sólido também precisa ser complementado por um ambiente normativo consistente, coerente e aplicado com justiça.

Como me disse um empresário africano, “o suborno não é a questão. “Eu gostaria que os burocratas tivessem menos oportunidade de interpretar as regras.”

III. Enfoque em fazer diferença

Ao continuarmos a trabalhar em estreita colaboração com os nossos parceiros em 184 países, nós, do Grupo do Banco Mundial, devemos reconhecer que não podemos ser tudo para todos. Tal como os nossos parceiros têm preocupações singulares, o Grupo do Banco Mundial tem capacidades inigualáveis. Se procurarmos ser peritos em tudo, nós nos arriscaremos a não ter êxito em nada.

Para aprender, para desenvolver perícia, precisamos ouvir nossos parceiros. Como me disse o Governador de um estado da Nigéria, “não preciso que mais uma pessoa com doutorado venha me dizer quais são os meus problemas. Eu preciso encontrar soluções.”

Para encontrar essas soluções, precisamos aprofundar nosso conhecimento e perícia em áreas tais como educação, saúde, infra-estrutura, energia e agricultura.

Educação

Um dos sinais encorajadores que vi em minha viagem ao Sul da Ásia é a importância que atualmente o Paquistão e a Índia estão atribuindo à educação das meninas. Os homens paquistaneses parecem concordar cada vez mais que as suas filhas também precisam receber educação. Por meio da Iniciativa Acelerada de Educação para Todos, o Banco Mundial planeja unir-se a outros doadores para dobrar a matrícula de meninas em 60 países nos próximos cinco anos. Temos um plano. Agora precisamos de recursos. Precisamos levantar pelo menos US\$ 2,5 bilhões por ano para realizar os sonhos de milhares de crianças em idade escolar ansiosas por um futuro melhor.

Saúde

E tal como a educação, os problemas de saúde das pessoas mais pobres representam uma tragédia humana que impede o crescimento e cria obstáculos à oportunidade.

Nos últimos cinco anos, o Banco Mundial investiu quase US\$2 bilhões para fazer retroceder a onda de HIV/AIDS e restaurar a esperança e oportunidade de suas vítimas. Prometo permanecer profundamente ativo nesta luta pela vida e pela dignidade humana.

Mas também é claro para mim que o Banco Mundial precisa intensificar o seu compromisso com o combate à malária.

Perante o fato de que quase 2.000 crianças africanas morrem de malária por dia, devemos agir.

Devemos combater a malária com a mesma urgência com que combatemos o HIV/AIDS. A experiência do Vietnã demonstra que com enfoque é possível alcançar grandes resultados. Ao enfrentar uma epidemia de malária em 1991 que afetou um milhão de habitantes, o Governo do Vietnã direcionou a sua assistência ao nível de aldeias, distribuindo mosquiteiros, remédios e inseticidas. No período de cinco anos terminaram os surtos e a mortalidade caiu em 97% – noventa e sete por cento.

Em mais de uma dezena de países africanos, o Banco Mundial destinará US\$ 600 milhões nos próximos três anos a um novo “Programa Impulsionador da Reversão da Malária” para controlar essa doença. Estabelecemos metas claras para nós mesmos: disponibilizaremos mosquiteiros de forma a proteger 60% da população; e no prazo de 24 horas de sintomas, 60% da população terão acesso ao tratamento.

Infra-Estrutura

Uma das mensagens mais persistentes que nos últimos meses ouvi de pessoas de países em desenvolvimento, tanto ricos como pobres, tanto de cidadãos como de líderes, foi a necessidade de restabelecer nosso papel no investimento na infra-estrutura.

A infra-estrutura é a linha vital para muitos outros campos: cuidados da saúde, educação, emprego e comércio.

Não veremos o fim da pobreza quando 90% das empresas na Nigéria dependem de geradores domésticos para obter energia. Não veremos o aumento da renda quando agricultores latino-americanos de baixa renda não dispõem de estradas para levar sua produção ao mercado. E não veremos melhorias na saúde enquanto mais de 2 bilhões de pessoas carecerem de acesso ao saneamento seguro.

No entanto, ao enfrentarmos esses desafios de infra-estrutura, precisamos aprender as lições certas de erros passados. Uma gestão inteligente dos recursos naturais de um país é essencial para assegurar que os ganhos de curto prazo não sejam conseguidos à custa da saúde de longo prazo dos pobres e do seu meio ambiente.

Energia e desenvolvimento sustentável

Portanto, a gestão inteligente de recursos e do meio ambiente contribui para o crescimento. A comunidade internacional como um todo precisa envidar um esforço mais concentrado para aliviar a mudança climática e adaptar-se a ela, ao mesmo tempo atendendo às necessidades do mundo em desenvolvimento.

O mandato de Gleneagles oferece-nos a oportunidade de adotar um enfoque inovador. Estamos promovendo o diálogo sobre energia e desenvolvimento ao procurarmos meios inovadores de utilizar novas tecnologias. Reforçaremos a nossa cooperação com parceiros de renda média, como o Brasil, China, Índia, México e África do Sul que enfrentam uma demanda crescente de energia. A meta é conseguir uma via de desenvolvimento nova e de clima mais favorável que atenda às necessidades de energia do mundo em desenvolvimento.

Agricultura

Há quarenta anos, como estagiário administrativo no Serviço do Orçamento dos Estados Unidos, escrevi um documento para tentar demonstrar que os Estados Unidos deveriam fornecer fertilizantes subsidiados a agricultores paquistaneses em vez de fazer *dumping* de trigo e destruir os mercados locais.

Quarenta anos mais tarde, parece que estamos fazendo algo semelhante na África – apoiando o alívio de emergência da fome em vez de melhorar a produção agrícola para impedir a fome.

Na Ásia e na América Latina, a Revolução Verde das décadas de 1970 e 1980 desempenharam papel vital na redução da pobreza e da fome e na promoção do crescimento econômico. No entanto, a ajuda total a este setor diminuiu drasticamente na década de 1990. Começamos a reverter a tendência e estamos produzindo resultados importantes.

Pesquisadores latino-americanos e africanos têm colaborado para aumentar a produtividade da mandioca em mais de 40%. E há esperança de que mais pesquisas levem a melhorias no valor nutritivo de cultivos básicos.

No entanto, os investimentos na agricultura, por si sós, não aumentarão a renda dos agricultores. Os países ricos precisam pôr fim aos subsídios agrícolas que deformam os preços e restringem o acesso dos agricultores de baixa renda ao mercado.

O êxito da liberalização do comércio na próxima rodada de Doha é tão importante para permitir às pessoas escapar da pobreza como o são os aumentos na assistência ou no alívio da dívida.

IV. África

Então, o que isto significa para a África?

Encontra-se aqui grande parte do trabalho mais árduo do Grupo do Banco Mundial e de outros doadores, como já assinalou o Presidente. Diante das assombrosas necessidades em educação, nutrição, água potável e saneamento, cuidados da saúde e emprego, os desafios são desencorajadores.

No entanto, tenho esperanças. Como me disse em junho o Presidente Obasanjo, da Nigéria, “a África é um continente em movimento.”

Os africanos estão assumindo as suas responsabilidades e o controle do seu futuro.

Na Nigéria, autoridades públicas de alto nível estão sendo presas por corrupção. Na África do Sul, o Vice-Presidente foi demitido porque o seu assessor aceitou suborno.

Uma nova geração de líderes africanos está dando exemplo deixando o cargo ao expirarem seus mandatos ou ao perderem a eleição.

Porém, cumpre lembrar que a responsabilidade não pertence apenas ao mundo em desenvolvimento. Em Gleneagles, foi criada uma parceria entre a África e os países do G-8 – uma parceria destinada a produzir resultados. Esses parceiros prometeram iniciativas de assistência.

As Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs) são um importante início para a definição dos termos deste novo compacto. Definem a nossa visão de tirar milhões da pobreza até 2015.

Porém lembremos que as MDMs não podem ser alcançadas sem crescimento.

Precisamos reconhecer a importância do crescimento compartilhado e da equidade na realização das MDMs. Sem o crescimento sustentado, é impossível uma redução real da pobreza. Mas o crescimento, por si só, não basta. Como destacou esta semana o Relatório sobre Desenvolvimento Mundial, precisamos criar a igualdade de oportunidades para as pessoas de baixa renda, não somente para melhorar sua vida, mas também para aumentar a sua capacidade de contribuir.

Para melhorar as oportunidades, acelerar o crescimento compartilhado e ajudar a realizar as MDMs, no início deste mês o Banco Mundial lançou um Plano de Ação para a África. Esse plano estabelece 25 iniciativas a serem dirigidas pelos países africanos em três anos, com resultados comensuráveis. No próximo ano os senhores poderão contar com um relatório de atividades.

Implicações para o Banco Mundial

Quer investindo em educação, saúde, infra-estrutura, agricultura ou meio ambiente, nós, do Banco Mundial, devemos assegurar-nos de que estejamos produzindo resultados.

E, no tocante a resultados, permitam-me ser claro. Entendo por resultados um impacto real na vida diária das pessoas de baixa renda. Nós somos responsáveis perante elas.

Não podemos apenas contar o número de escolas, clínicas e empresas estabelecidas. Trata-se também da qualidade do currículo, da qualidade da prestação dos serviços de saúde e da qualidade dos empregos criados. Devemos focar os desafios tanto qualitativos como quantitativos que negam oportunidades às pessoas de baixa renda.

E devemos lembrar que somos apenas um dos atores neste esforço global – que deve ser orientado e definido no nível de país. Devemos lembrar que somos parte de uma equipe.

Em Rwanda eu tive o privilégio de reunir-me com a Dra. Agnes Binagwaho que dirige o Conselho Nacional de Aids. Ela me disse com grande orgulho que se um homem aparecer

sozinho em uma clínica, é mandado para casa para buscar a esposa e filhos antes de receber cuidados.

A Dra. Binagwaho afirma energicamente a sua posição em outro ponto igualmente importante. Educadamente, mas com firmeza, insistiu em que os doadores de Rwanda apoiassem um único plano integral de saúde – basta de gastar em interesses especiais, disse ela.

Ao pedir-nos que coordenássemos melhor a nossa assistência para melhorar os resultados, ela e a sua pequena equipe médica perdem menos tempo com doadores e dedicam mais tempo a salvar vidas.

Expandir a coordenação no nível de país exigirá uma maior participação do pessoal do Banco Mundial no campo. Portanto, devemos continuar a envidar esforços no sentido de descentralizar a nossa equipe; a transferência para o campo de um maior número de pessoas certas atenderá melhor às necessidades de desenvolvimento dos nossos parceiros.

E os nossos esforços para desenvolver a capacidade devem incluir o nosso próprio pessoal, especialmente mulheres e nacionais dos países em desenvolvimento.

Finalmente, e muito importante, nós, do Grupo do Banco Mundial, temos nossa própria responsabilidade de combater a corrupção. Combater a corrupção não é apenas a obrigação dos países em desenvolvimento. Considerem o seguinte. Para todo subornado, há um subornador que precisa ser chamado à responsabilidade.

Estamos muito conscientes de que nossos próprios projetos podem ser alvos de corrupção e estamos agindo.

Entre outras coisas, há dois anos o Banco Mundial vem trabalhando em um novo instrumento de combate à corrupção, denominado “Programa de Divulgação Voluntária”.

Em troca de redução de penalidades e garantia de confidencialidade, esse programa permite às firmas voluntariar informação sobre a sua participação em fraude ou corrupção em projetos financiados pelo Banco Mundial.

Este programa promete assegurar que a despesa prioritária seja devidamente destinada ao serviço das pessoas de baixa renda e para estabelecer os mais altos padrões nesta área-chave.

VI. Além dos países mais pobres

Permitam-me concluir com uma lembrança do óbvio: o mundo está mudando e nós também devemos estar em condições de mudar.

Ao avançarmos em nossa missão de tornar a pobreza um fato histórico, devemos estar preparados para crescer como instituição. Devemos estar prontos para progredir com nossos parceiros e responder a desafios novos e emergentes.

Hoje, nos países de renda média, mais de 1 bilhão de pessoas ainda vive na pobreza. Não podemos esquecê-las. Para ajudar os países de renda média a crescer e prosperar, precisamos continuar a adaptar o nosso conhecimento e financiamento às suas necessidades específicas.

Com o tempo e com resultados, as necessidades dos nossos parceiros evoluirão. O sucesso trará novos desafios que exigirão novas respostas. Portanto, a inovação e adaptação serão elementos críticos para o Banco Mundial continuar a ser relevante neste mundo em evolução. Às vezes, os problemas relacionados com o sucesso são tão intimidantes como os problemas relacionados com os desafios.

Portanto, continuemos a determinar o nosso curso de ação para o futuro – um futuro no qual os pobres de hoje se tornem os empresários de amanhã; um futuro no qual as doenças de hoje levem a avanços médicos de amanhã; e um futuro no qual as crianças de hoje se tornem os líderes de amanhã.

Muito obrigado.